

Os japoneses estão chegando

Dois de seus maiores empresários estão no Rio para ouvir executivos brasileiros e dar-lhes um recado: não faltam dólares para investir e emprestar.

— Dois pesos-pesados da economia japonesa se reuniram ontem, durante várias horas, com empresários brasileiros, num hotel no Rio, para discutir a possibilidade de investimentos no Brasil. A reunião envolveu o presidente da NTT (Nippon Telegraph And Telephone), Hirashi Shinto, e o mais alto executivo da cadeia Caesar Park, John Aoki, que além de hotéis tem negócios que vão da navegação à construção pesada, pelo lado do Japão. Pelo lado brasileiro estiveram presentes o presidente da Vale do Rio Doce internacional, Eliezer Batista, o presidente do grupo Monteiro Aranha, Olavo Monteiro de Carvalho, o presidente da Federação das Associações Comerciais, Amaury Temporal, e o empresário Paulo Vellinho, vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria.

A reunião foi realizada no terceiro andar do Caesar Park Hotel, em frente à praia de Ipanema, e entrou pela noite, sendo interrompida apenas para o jantar. O assunto mais discutido eram as novas possibilidades de cooperação econômica e financeira do Japão para o Brasil. Também foi discutida a possibilidade de aproveitamento, pelo Brasil, dos US\$ 20 bilhões disponíveis no Japão para investimento ou empréstimo aos países em desenvolvimento.

Esses recursos deverão ser reciclados nos próximos três anos e se dividirão da seguinte maneira: contribuição do governo japonês para os bancos multilaterais de desenvolvimento: US\$ 8 bilhões, financiamento com o Banco Mundial e outras instituições multilaterais: US\$ 9 bilhões, empréstimos diretos pelo Eximbank japonês: US\$ 3 bilhões.

Os participantes da reunião procuraram evitar entrevistas. O Jornal da Tarde foi o único órgão de comunicação a presenciar a reunião, mas isso não inibiu os participantes do encontro, mas todos evitaram dar entrevistas.

O empresário Paulo Vellinho explicou, num intervalo da reunião, que os japoneses deixaram claro que são amplas as possibilidades de o Brasil se utilizar dos recursos disponíveis e que isso se daria principalmente sob a forma de empréstimo.

O grupo Ceasar Park, além de uma das maiores redes de hotéis do mundo, possui mineradoras — uma no Amapá —, empresas de navegação marítima, construção civil e construção pesada e até recentemente era estatal, tendo sido privatizada pelo governo japonês.

O Bank of America, agora o único acionista do Multi-Banco.

O Banco Central autorizou na semana passada o Bank of America a adquirir por US\$ 5 milhões 51% das ações da Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil (Aplub) no Multi-Banco Internacional de Investimentos S/A, com o que a instituição bancária norte-americana, que tem os 49% restantes, passará a ser a única acionista desse banco de investimentos, embora com o compromisso de, em um ou dois anos, repassar o controle para o novo sócio brasileiro.

Com essa operação, que, por protocolo, ainda tem de ser autorizada pela Reserva Federal dos Estados Unidos, conclui-se com êxito um plano desenvolvido pelo Bank of America durante diversos anos, de "esvaziamento completo" do Multi-Banco até que a Aplub se visse forçada a vendê-lo, segundo informou ontem alta fonte da Associação.

Dos US\$ 5 milhões da transação, a Aplub receberá US\$ 4 milhões, deixando US\$ 1 milhão para garantia do passivo, embora, oficialmente, ela revele que o patrimônio do banco é de US\$ 3 milhões. Sabe-se que, no momento, ele já é negativo ou, na melhor das hipóteses, está zerado. Com isso, o montante da operação praticamente fica restrito ao valor das cartas-patentes do banco de investimento, da leasing e distribuidora do grupo, que no ano passado, de acordo com a fonte, "estranhamente" apresentaram prejuízos de, respectivamente, Cz\$ 40,4 milhões, Cz\$ 1,7 milhão e Cz\$ 13,5 milhões.

Concex se reúne e amplia benefícios às exportações

Recomendar ao presidente Sarney o arquivamento da proposta de ampliação da lista de bens que podem ser importados sem cobertura cambial; regulamentar a exportação através de depósito alfandegado certificado — que vai permitir a volta do draulbadk verde-amarelo — e a concessão de incentivo às empresas que incrementarem suas exportações, através de aumento, isento de tributação, na sua cota de importações; permitir o resarcimento em dinheiro do PIS/Pasep recolhido sobre produtos exportados; e ampliar em 2800 itens a lista de produtos que podem ser exportados apenas com declaração de exportação, sem necessidade de guia.

Essas foram as principais decisões tomadas ontem pelo Conselho de Comércio Exterior (Concex), que se reuniu pela primeira vez desde a posse de Bresser Pereira no Ministério da Fazenda. Foram as primeiras decisões práticas tomadas pelo Concex, criado no início do ano pelo presidente, e que se tinha reunido apenas uma vez até ontem.

Três dos assuntos regulamentados ontem foram anunciados com grande destaque pelo próprio presidente, na instalação do conselho mas não tinham sido regulamentados. O primeiro é o funcionamento do regime de depósito alfandegado certificado, que permite que mercadorias entregues à custódia desses depósitos sejam consideradas exportadas, mesmo que não deixem o território brasileiro.

O regime vai permitir a reimportação dos produtos em sistema de drawback (para beneficiamento e posterior exportação), gozando de todas as isenções de tributos concedidas aos insumos estrangeiros.

Outra medida anunciada por Sarney é a concessão de incentivo às empresas que aumentarem suas exportações. A proposta estabelece que cada empresa terá direito de importar equivalente a 10% do acréscimo de suas exportações de um ano para outro, já a partir de 1987. Esse bônus será acrescentado à cota normal de importação da empresa, e será isento dos tributos sobre importações.

A terceira medida que havia sido anunciada por Sarney é a permissão de importação sem cobertura cambial, da qual o Concex abriu mão ontem.



Esta reunião deixou uma certeza: o País pode receber mais cooperação — e até empréstimos — do Japão.



Os salários permitem um alto consumo



O belo Pavilhão de Ouro, em Kioto.



O trabalho pode começar aos 15 anos



Tóquio, cidade grande e moderna.